

A MAIOR AVENTURA PSÍQUICA, EM NÍVEL DA CIÊNCIA, DE QUE SE TEM NOTÍCIA.

“A existência da alma, que era apresentada como um dogma de fé por todas as religiões e que a filosofia nos mostrava por palavras, é hoje, graças ao Espiritismo, uma verdade científica. [...]

*A prova científica da existência da alma e da sua comunicação conosco é o legado mais brilhante que o presente século [XIX] vai deixar ao vindouro.” **

NEY DA SILVA PINHEIRO

Assinalou-se, no mês de abril passado, mais um aniversário da desencarnação, do eminente sábio *sir* William Crookes, ocorrida em Londres, a 4 de abril de 1919, no número 7 do Kensington Park Gardens. Nascido a 17 de junho de 1832, em Londres, no Regent Street, foi o primeiro cientista inglês, de alto gabarito, que, com surpreendente desassombro, em face do intransigente preconceito da ortodoxia do *establishment* científico dominante na época, e, com severas precauções, investigou, por três anos, o notável fenômeno de materialização do Espírito Katie King, como registra a literatura espírita, concluindo, ante a vidência dos fatos, com esta memorável profissão de fé raciocinada: - “O Espiritismo está cientificamente demonstrado e seria covardia moral negar-lhe o meu testemunho”.

Para apresentação desse nome venerando, autêntico missionário da Ciência (veja *A Gênese*, cap. I, item 6), lembremos o testemunho do insigne e insuspeito doutor José Lapponi, clínico, professor de Antropologia, escritor e protomédico de dois papas (Leão XIII e Pio X) que, em estudo médico-crítico, publicado sob o título de *Hipnotismo e Espiritismo*, 5. ed. FEB, p. 138-139, desfazendo as agressões com que pretendiam nodoar a reputação científica de Crookes, declara, do alto de sua cátedra, com corajosa imparcialidade:

[...] físico respeitado em qualquer parte da Terra; que, aos 20 anos de idade, já havia publicado importantes trabalhos sobre a luz polarizada; que, mais, produziu trabalhos sobre os espectros luminosos dos corpos celestes; que inventou o fotômetro de polarização e o microspectroscópio; que escreveu trabalhos de Química bastante apreciados; que é autor de um Tratado de Análise Química, ora tornado clássico; que fez importantes pesquisas em Astronomia; que contribuiu grandemente para os progressos da fotografia celeste [...] que foi enviado pelo governo inglês a Oran, para estudar, com outros doutos, o eclipse solar; que é versado em Medicina, em Higiene Pública e em

ciências naturais [...] que descobriu um processo de amalgamação metálica por meio de sódio, hoje largamente aplicado [...] para a extração de ouro; que descobriu um corpo metálico, o Tálíio; que, finalmente fez conhecer o estado radiante da matéria, o qual permitiu a famosa descoberta dos raios Röntgen, tão útil para a fotografia a que se chamou fotografia do invisível.

Um homem de tão alto intelecto e de tão vasto saber; homem que passou a vida a indagar, com a máxima severidade, os mais árduos segredos da Natureza, quis examinar os fenômenos espíritas e submetê-los à severa crítica das ciências experimentais. Nas suas pesquisas foi secundado por outros dois físicos de valos, William Huggins e Ed. W. Cox. Por meio de aparelhos de precisão e de registradores automáticos, ele examinou escrupulosamente, até as mais insignificantes particularidades, os fenômenos produzidos sob seus olhos. Experimentou, repetidas vezes, em pleno dia, em aposentos escolhidos por ele e bem iluminados, ou pela luz solar, ou por luz elétrica, ou à luz fosfórica. [...] Pois bem: estudados os fenômenos espíritas, por entre tantas precauções e com o maior cepticismo científicos, teve ele, honestamente, de repetir quanto antes já dissera Alfredo Russel Wallace: “Adquiri a prova certa da realidade dos fenômenos espíritas.”

Charles Richet, Prêmio Nobel de fisiologia, em conferência pronunciada na Faculdade de Medicina de Paris, em 24 de junho de 1925, com sua incontestada e respeitável autoridade, perante severo auditório, classificando William Crookes, textualmente, como “um dos maiores sábios do nosso tempo e de todos os tempos”, assim se referiu às suas célebres experiências e à sua obra científica (*Ciência Metapsíquica dos Fatos à Doutrina*, de Carlos Imbassahy, edições mundo Espírita, 1949, p. 15 a 40):

Para começar, as [experiências] de Crookes. Estas são de granito. [...] Se tiverdes alguma curiosidade e alguns vagares, eu vos aconselharia que lêsseis com cuidado a pormenorizada exposição das experiências de Crookes, e ficaríeis convencidos da realidade dos fatos, a menos que vos resigneis a encarar Crookes como um imbecil, o que seria mais imbecil ainda. (p, 33).

E continua Richet:

Crookes viu, em plena luz, mesas e cadeiras se deslocarem, flores aparecerem e se moverem, um acordeão passa sobre sua cabeça e tocar, ruídos retumbantes se produzirem sem contato, e isto tudo em franca claridade, diante de sábios honestos e experimentados, em um laboratório de Química. Crookes viu Florence Cook [a médium] desdobrar-se em um fantasma, observou com o auxílio de uma lâmpada de fósforo, em seu próprio laboratório, e por muitas vezes, o fantasma de Katie King, conversando com

Florence Cook. Como se explica que esses fatos não tenham sido admitidos, e que se tenha inventado, para explicá-los toda a sorte de inépcias caluniosas? Certo é porque os homens - e os sábios, talvez, ainda mais que todos - tem medo das coisas novas. Assim, quando Crookes lhes trouxe provas formidáveis, riram-se. E eu também, ah! Eu ri como os outros. Mas hoje, [penitencia-se Richt] depois de ter visto o que vi, reconheço, enfim, muito dificilmente, muito laboriosamente, que Crookes tinha razão [...]. (p. 33-34)

O doutor Paul Gibier, diretor do Instituto Bacteriológico (Instituto Pasteur) de Nova York; ex-Interno dos Hospitais de Paris; ex-Assistente de Patologia Comparada do Museu Histórico Natural de Paris; Membro da Academia de Ciências de Nova York e da Sociedade de Pesquisa Psíquicas de Londres, e Cavaleiro da Legião de Honra da França, em seu livro *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*, 5. ed. FEB, p. 158, pronunciando-se sobre o assombroso trabalho de Crookes, escreveu:

[...] Até aqui, vimos escritores, poetas e filósofos, sem autoridade em matéria científica, opinando em favor dos fenômenos espiritualistas: isso, com se diz, não traz conseqüências. Seja, mas eis que um fato grave se produziu: um dos primeiros sábios do mundo, um experimentador, cujas obras suportam sem desvantagem comparação com as de Dumas, Wurtz, Berthelot, Frémy, pronunciou-se de modo mais afirmativo, baseado em provas experimentais em apoio dessas coisas tenebrosas que se supunham sepultadas na noite da Idade Média. Que devemos concluir? Por que ousou dar como certos os fatos [...] será forçoso que o Sr. Crookes seja louco ou um impostor?

[...] Será acaso um impostor que tenha querido zombar do público? Mas, com que interesse? [...] Pelo contrário, não ignorava em qualquer fraude - se fraude tivesse havido - seria prontamente descoberta, então! Então seria a vergonha, seria a ruína, seria o desastre, o desabamento de uma vida honrosa de homem honesto e de sábio. [...] No fim de uma vida tão bem preenchida, tornada gloriosa por tantas descobertas, uma só das quais bastaria para imortalizar um homem, ele desceria de seu pedestal para revolver-se miseravelmente na lama? [...]

Não, não seria possível! - concluiu Gibier.

Como se vê, Crookes não é um homem comum, capaz de se ver liquidado na voragem do tempo ou obscurecido pela insensatez de todos os tempos. O seu exemplo e a sua obra imortal são um farol, uma página aberta à civilização, descortinando uma realidade, um espetáculo da grandeza divina.

Enquanto o homem não houver comprometido as conquistas vivas da civilização, a memória desse sábio, desse benfeitor da Humanidade será lembrada como um dos propulsores do progresso.

Não obstante, quando anunciou, depois de anos de observações, que fora vencido pelas evidências dos fatos, a Real Sociedade da Ciência de Londres, de que fora presidente, se voltou contra ele, e o secretário dessa instituição, Stokes (protótipo da mentalidade retrógrada da época), negou-se a aceitar o convite, que lhe fez Crookes, para presenciar os fatos, pois era daqueles piores cegos, que mesmo que visse não acreditaria. A publicação dos trabalhos de Crookes, em 1874, produziu tal reação que, por pouco, a insensatez não o eliminou da referida Sociedade, não fosse a autoridade do sábio e a necessidade de justificarem a medida, demonstrando estarem erradas as suas categóricas declarações quanto à realidade das materializações do Espírito Katie King, testemunhadas por vultos eminentes do cenário científico da época.

A verdade, porém, não deixará de ser verdade, por força alguma, muito menos pela esdrúxula negação dos que nada entendem, ou não querem entender, ou desaparelhados de recursos interiores para a rota de elevação.